

por *Juliana Temporal*

COM UM OLHAR SEMPRE ATENTO PARA O FUTURO

Presidente da Associação Médica Brasileira (AMB) desde 2021, César Eduardo Fernandes fala em entrevista especial sobre os desafios de ser um líder da classe médica

“

“Se optamos pela Medicina como profissão, que possamos exercer esse papel com qualidade, amor e responsabilidade”

”



“**E**stamos muito preocupados com o futuro da saúde no Brasil. E a saúde passa, necessariamente, por uma boa assistência médica.” A afirmação é do ginecologista e obstetra César Eduardo Fernandes, que está em seu segundo mandato como presidente da Associação Médica Brasileira (AMB). Segundo ele, dados mostram que o número de médicos no Brasil mais que dobrou nas duas últimas décadas.

Por essa razão, há uma grande apreensão das lideranças médicas quanto à qualidade da formação dos jovens que se graduam em Medicina. O presidente da AMB acredita que é preciso exigir um exame de proficiência dos médicos, para que atestem qualidade que os permita trabalhar na assistência à população.

Fernandes ressalta, ainda, que o problema não é a falta de profissionais e, sim, a má distribuição deles no país. Atualmente, há aproximadamente 600 mil médicos no Brasil e as escolas formam cerca de 40 mil por ano. Unem-se a essa questão as dificuldades estruturais do sistema de saúde.

Em uma entrevista especial à **Revista DOC**, o presidente fala sobre esse e outros temas, além de contar a sua trajetória no movimento médico associativo e suas realizações à frente da AMB.

DOC – Prestes a celebrarmos mais um Dia do Médico, em 18 de outubro, como você analisa a atividade médica hoje?

César Eduardo Fernandes – É de suma importância que nós, como profissionais responsáveis pelo cuidado da saúde de milhares de brasileiros, estejamos alinhados e unidos por melhores condições de trabalho em nosso país, especialmente em unidades básicas de saúde de bairros periféricos e das cidades do interior, onde a maioria não apresenta a mínima estrutura em termos de equipamentos e materiais para proporcionar um atendimento de qualidade à população. Outro ponto muito relevante é sobre a capacitação dos profissionais que se graduam no curso de Medicina. É preciso que eles busquem se qualificar, fazendo residência médica, pois é quase que um complemento obrigatório para corrigir as deficiências de formação dos médicos no país. Se optamos pela Medicina como profissão, que possamos exercer esse papel com qualidade, amor e responsabilidade.

DOC – O futuro da Medicina está nas mãos dos novos médicos e muito se fala sobre a má formação desses profissionais. Qual sua avaliação sobre a formação médica atual?

CEF – Estamos muito preocupados com o futuro da saúde no Brasil. E, a saúde passa, necessariamente, por uma boa assistência médica. O número de médicos no país mais que dobrou nas duas últimas décadas. Então, a nossa maior apreensão é quanto à capacitação dos jovens que se graduam no curso de Medicina e que acabam iniciando o atendimento sem passar por uma prova de titulação para que se torne um especialista. O problema não é a falta de profissionais e, sim, a má distribuição dos médicos. Temos aproximadamente 600 mil médicos no Brasil. Estamos formando 40 mil por ano. Dentro de poucos anos, teremos mais de 1 milhão de médicos. Na relação por habitante, temos mais médicos que os Estados Unidos e a França. Para piorar, temos médicos que estão saindo com muitas deficiências dessas escolas. Não por culpa deles, mas do aparelho formador. Por isso, achamos que é preciso exigir um exame de proficiência dos médicos, para que atestem qualidade que os permita trabalhar na assistência à população, como já acontece com os advogados.

DOC – Agora, falando um pouco sobre sua história, como ingressou no associativismo? Como viu nisso um caminho para sua carreira?

CEF – A pesquisa e o estudo científico sempre estiveram presentes na minha vida profissional, o que foi um norteador diário, bem como minha atuação intensa e efetiva em diversas sociedades médicas. Fui presidente do Centro de Estudos Ayres Neto, do Departamento de Obstetrícia e Ginecologia da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo (1993). Participei, por quase 30 anos, da diretoria da Associação Brasileira do Climatério, como presidente (duas gestões), secretário-geral (duas gestões) e presidente do conselho científico (cinco gestões consecutivas), cargos ocupados entre 1991 e 2020. Fui delegado do Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo (1994-1998), tesoureiro da Federación Latino-Americana de Sociedades de Climatério y Menopausia (1996-1998), presidente da Associação de Ginecologia e Obstetrícia do Estado de São Paulo por dois biênios (2010-2011 e 2012-2013) e presidente da Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia (Febrago, 2016-2019), onde também atuei como diretor científico (2021-2023). Assumi a presidência da Associação Médica Brasileira (AMB) para o mandato 2021-2023 e fui reeleito para o cargo até 2026.

DOC – Qual é a importância de o médico participar do movimento associativo?

CEF – O movimento associativo é aquele que verdadeiramente representa os interesses do médico, ou seja, o bom exercício da profissão e o melhor cuidado ao paciente. Todos os médicos deveriam estar engajados no movimento associativo. O profissional não pode viver isolado na sua

HISTÓRIA DE VIDA

César Eduardo Fernandes nasceu em Araçatuba (SP), em 1º de outubro de 1950, filho do comerciante Manoel Fernandes Romera e da professora Joana Aparecida Fernandes. É casado com Ana Maria Paoli, sendo pai de três filhas (Manuela, Mariana e Marcela) e avô de quatro netos (Beatriz, Isabel, Maria e Benjamin).

Em 1970, Fernandes ingressou na Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo e formou-se cinco anos depois. Ainda estudante de Medicina, começou a estagiar na maternidade do Hospital Pérola Byington. Em 1976, iniciou residência médica no Departamento de Cirurgia da instituição e, nos dois anos subsequentes, atuou no Departamento de Obstetrícia e Ginecologia. Obteve em 1979 o título de especialista em Ginecologia e Obstetrícia.

Um momento profissional marcante foi a atuação como professor assistente da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo, onde obteve o título de mestre e doutor, respectivamente, em 1994 e 1996. Após 22 anos de dedicação, optou por se desligar da Santa Casa de São Paulo. Em setembro de 2003, iniciou suas atividades como docente na Faculdade de Medicina do ABC (FMABC), em Santo André, na Grande São Paulo.

Em 2005, prestou concurso e foi aprovado como livre-docente em Ginecologia, Obstetrícia e Reprodução Humana na Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Em setembro de 2005, assumiu a chefia da Clínica Ginecológica da mesma instituição, cargo que exerceu até julho de 2007. Em 2006, passou a fazer parte do curso de pós-graduação *stricto sensu* em Ciências da Saúde da FMABC na condição de professor e orientador permanente. Em 2010, foi aprovado em concurso como professor titular da disciplina de Ginecologia da FMABC, função que exerce atualmente.



unidade ambulatorial, no seu centro cirúrgico ou no seu consultório, e esquecer que é preciso participar associativamente das suas entidades e, sobretudo, da AMB que é o grande “guarda-chuva” que alberga as diferentes sociedades de especialidade e sociedades estaduais. A AMB atua muito próximo dos associados defendendo constantemente pleitos que envolvam a classe médica em torno de bandeiras urgentes. Buscamos desenvolver uma instituição mais participativa, comprometida com a honestidade e a transparência, garantindo espaços relevantes para mulheres e jovens médicos e valorizando a ciência.

DOC – Por que se tornar uma liderança na Medicina?

CEF – Acredito que não nascemos formatados ou geneticamente direcionados para se tornar uma liderança na Medicina. Isso se constrói ao longo de uma carreira profissional. Não me programei ao longo do exercício da profissão para me tornar um líder. A liderança existe quando os seus pares o veem como um líder. Foi mais ou menos isso que aconteceu no meu caso. Em determinado momento, fui guiado pelos meus pares de especialidade para ser, por exemplo, presidente da Sociedade de Ginecologia do Estado de São Paulo. A partir daí, vi a importância de trabalhar no movimento associativo. Esse trabalho me fez muito bem, pois era uma maneira macro de ajudar meus colegas. Isso me trouxe uma grande satisfação profissional. Me sinto cumpridor dessa missão de liderança associativa, desprovido de qualquer interesse de natureza pessoal que possa impactar negativamente as minhas ações, sem contaminações político-partidárias ou ideológicas, tendo sempre como norte a boa prática da Medicina e a melhor atenção ao paciente e à população de um modo geral.

DOC – Quais são os avanços na sua gestão à frente da AMB desde 2021?

CEF – Tenho a satisfação de estar em minha segunda gestão à frente da AMB e, durante essa caminhada, conseguimos desenvolver importantes projetos. Assumi em janeiro de 2021, em meio a uma das maiores crises sanitárias do mundo – a pandemia de Covid-19. Diante desse cenário desafiador, havia muito a ser feito e minhas primeiras ações se concentraram na busca por estabilidade financeira e na implementação de processos mais transparentes. Determinei que a AMB deveria assumir a dianteira no debate e se tornar uma fonte confiável de informações embasadas em evidências científicas, diante de tanta desinformação e fake news que se apresentavam naquela época. Além do esforço dedicado à defesa e ao esclarecimento sobre a importância da vacinação, enfrentamos outros desafios. Um deles foi a regulamentação da Telemedicina, tema crucial que precisava ser agilizado para atender às necessidades de distanciamento social e reduzir a sobrecarga nos hospitais. Paralelamente, surgiu a necessidade de fortalecer a relação da AMB com os parlamentares e órgãos governamentais. Realizamos uma parceria frutífera entre a AMB e a Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP), que resultou na Demografia Médica 2023, um estudo abrangente e inovador sobre a realidade dos médicos em todo o Brasil, que representou um marco importante para a compreensão e o planejamento do sistema de saúde no país.

“ Não me programei ao longo do exercício da profissão para me tornar um líder. A liderança existe quando os seus pares o veem como um líder ”